

Mira! O que há dentro?

— DANIELLE PÁSCOA BARBOSA —

intransitiva
• revista

TRANSFORMAÇÕES DO EU E DO OUTRO (V. 6, N. 1, 2022)

Mira! O que há dentro?

Danielle Páscoa Barbosa —————

Uma caixa.

A filha a pega e observa seu exterior.

— Abre, Mira! O que há dentro? — a mãe orgulhosa pede à filha.

A filha alisa a caixa e para dentro mira.

— Há agulhas; fita métrica; tesoura; um kit de alfinetes; botões e linhas.

A mãe fecha a caixa e, sorrindo, diz com alegria:

— Abre, Mira! De novo.

A filha, da mãe para caixa, arregalando os olhos, diz o que mira:

— Há trabalho, há costura; há engrenagem; há fibra.

A mãe, novamente, fecha a caixa e, com um brilho no olhar, pede outra vez:

— Abre, Mira! O que há?

A filha, mais uma vez, para dentro da caixa, mira: vê a mãe que da costura fez sua vida. O ofício foi aprendido quando quatorze anos a mãe tinha. Entre criar os filhos dos outros, os trabalhos domésticos e o ateliê improvisado na cozinha, a mãe, que em pouco tempo o pai da filha conheceria, fez bainha, roupas descoladas, roupas batidas. Dez anos depois, do Nordeste para o Sudeste, com a filha na barriga, a mãe que de lá vem em busca de uma outra vida, na nova cidade, com o marido, encontra o mesmo dia a dia. Entre levar os filhos para escola e sua máquina prometida, a mãe, ao

longo da vida, fez de tudo um pouco, desde fantasias, cosplay, até vestido de noiva para mulheres pobres e ricas, de todos os tamanhos e medidas.

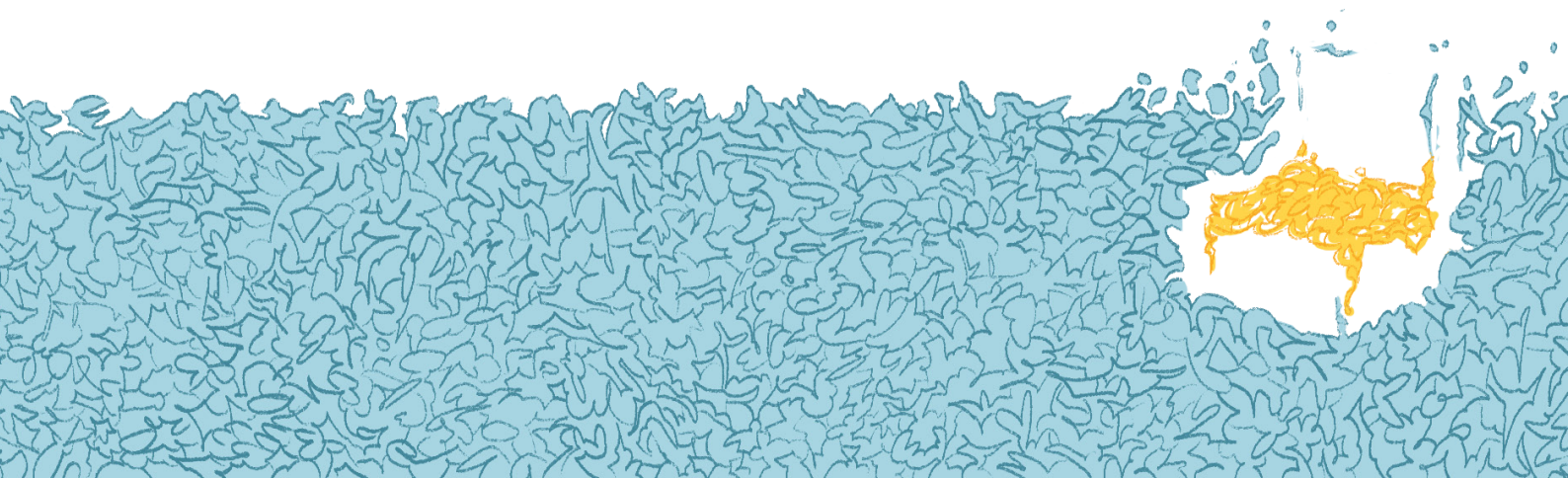
A filha pisca. Depois, para dentro da caixa, mais uma vez, mira: a máquina mulher costura, remenda, gera a renda da família. Mas quão incompreendida era a mãe dessa menina! O ofício da mãe era apenas um ganha pão para a filha. Mãe costurando trapos, que de roupa de shopping nada tinham, era o que Mira sentia. A filha queria o que as amigas vestiam. Cadê o glamour, pergunta Mira. A filha não percebia que só ela possuía roupas especialmente produzidas. A mãe máquina se desvaloriza no olhar da menina.

Como a filha pode não ver todas as obras que a mãe máquina produzia só para a independência da filha?

Uma lágrima escorre e embaça a vista de Mira que de fora da caixa ressignifica pensamentos que foram seus um dia.

A filha para dentro da caixa mira: a mãe, sentada em sua máquina, produzindo arte todos os dias. A mãe se reconstruindo a cada emenda feita, a cada roupa empreendida. A filha de dentro da caixa a amava infinitamente, mas ainda não a entendia. Quem era a mãe que ali cosia? A mãe queria ensinar as ferramentas que o ato de cortar, ligar, tecer necessita. Costurando, a mãe ensina que há uma dupla ação do faz e refaz, a cada ponto, a cada linha. O caminho construído no aprender a remendar transforma mãe e filha.

A filha, com o olhar preso dentro da caixa, mexe e remexe. Na caixa de costura não tem apenas apetrechos da profissão, da lida de cada dia. Há a oportunidade de construir sonhos esperando a mão do artífice lhes dar vida.



A filha pisca e para dentro da caixa mira: mãe e filha juntas fazem um vestido de noiva sob medida. O pai conduz a filha para o noivo, mas é a mãe quem veste a filha. A condução da mãe é regada de tecidos, tules, pérolas, renda, agulhas e linhas. Para a filha de dentro da caixa, os alfinetes moldam a quatro mãos o que o vestido se transformaria. Mãe mais que a filha. Mas, talvez, na vida de Mira tenha sempre sido assim. A mãe tecendo a filha, que, aprendendo a ser livre, tece a mãe. A mãe costurou num emaranhado de tecido a melhor roupa de sua vida: a filha. Mira vê que na costura há magia. Dentro da caixa, há muito mais do que alcança a vista.

Pela primeira vez, a filha enxerga o ato de liberdade cotidiano empenhado pela mãe dia após dia. Levou quarenta anos, mas a filha não vê mais uma caixa com agulhas; fita métrica; tesoura; um kit de alfinetes; botões e linhas. Assim como a mãe, a filha agora enxerga luz, refúgio, sabedoria.

A mãe, de fora, ao lado da filha, abraça-a e para dentro da caixa, mira.

— O que vê dentro? — sussurra a mãe à filha.

— Há mãe e filha remendando-se... — diz a filha — consertando-se, transmutando-se de uma geração para outra, criando vida.

A filha sorri para a mãe que sorri para a filha, que acaricia a barriga.

Sobre a autora

Danielle Páscoa Barbosa é mestre em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Descobriu o prazer pela escrita em 2019, quando começou a escrever crônicas. Atualmente trabalha no Parque Tecnológico da UFRJ e revera a escrita do seu primeiro romance com outros textos. Alguns dos seus textos estão disponíveis em: <https://medium.com/@dpascoa>.